



AUTONOMIA E EDUCAÇÃO MUSICAL: PERCEPÇÕES DE ESTUDANTES DE LICENCIATURA EM MÚSICA E POSSÍVEIS REFLEXOS EM SUA PRÁTICA PEDAGÓGICA

Palavras-chave: AUTONOMIA, EDUCAÇÃO, LICENCIATURA EM MÚSICA

Autores(as):

Ana Luiza Braga de Brito Lira, IA - UNICAMP

Prof^(a). Dr^(a). Silvia Cordeiro Nassif (orientadora), IA - UNICAMP

INTRODUÇÃO:

O presente trabalho propõe uma investigação a respeito das práticas de ensino e aprendizado no campo da educação musical com foco na questão da autonomia. A pesquisa tem se desenvolvido tomando como ponto de partida um estudo aprofundado da fundamentação teórica através de textos de autores como Paulo Freire, Lev S. Vigotski, José Pacheco e de autores da educação musical que tratam do tema em questão ou temas afins. O principal objetivo é investigar quais as percepções de estudantes de Licenciatura em Música em relação à sua autonomia durante o curso e como isso reflete em suas práticas pedagógicas.

O Ministério da Educação do Brasil prevê, através das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica, a formação de sujeitos livres e independentes capazes de conduzir seus processos formativos, com autonomia e ética (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2013).

Entende-se por autonomia a capacidade de autogovernar-se, a liberdade dos seres humanos que, pelo esforço de sua própria reflexão, proveem a si mesmos os seus princípios de ação, não vivendo sem regras, mas obedecendo às que escolheram depois de examiná-las. Paulo Freire (2017) se refere à autonomia como sendo a capacidade que o aluno demonstra de decidir, de escolher seus objetivos, suas formas de estudo e as relações que faz daquilo que já sabe com novos conteúdos. Ela seria fruto do exercício da responsabilidade. Apesar de alguns educadores da atualidade apresentarem propostas inovadoras para os métodos de ensino e aprendizagem, existe ainda um predomínio de um ambiente controlador nas salas de aula, herança de uma cultura escolar antiga pautada na noção de método e disciplina.

Reeve (2009), através de uma revisão da literatura, analisou a relação entre o estilo motivacional dos professores e o desempenho escolar dos estudantes. O que ele encontrou foi que os estudantes têm melhor desempenho quando recebem apoio à sua autonomia do que quando controlados e pressionados a pensar, sentir ou se comportar de maneira alheia à sua vontade.

Para Vigotski (2010), as reações emocionais, que também estão articuladas à questão da autonomia, são de fundamental importância no processo educativo e é imprescindível que o educador seja capaz de atingir o sentimento dos alunos antes mesmo de comunicar um novo conhecimento, uma vez que um fato emocionalmente colorido seria lembrado com mais intensidade e solidez do que um fato indiferente. Já o contato com professores que optem pelo ensino predominantemente metódico e que desconsidere as emoções dos educandos contribuiria para a diminuição do interesse em aprender demonstrando a relação direta entre a maneira de ser de quem ensina e o impacto no aprendizado.

É relevante refletir sobre autonomia, porque é possível, senão mais significativa, uma experiência de ensino-aprendizado integral que considera a história dos indivíduos até ali, que considera todo o necessário para aquela pessoa ser quem é e possa manifestar-se integralmente como um ser em constante evolução.

Um professor que desenvolve um trabalho que visa apenas a assimilação de conteúdos pode estar perdendo a oportunidade de contribuir para a construção de uma nova sociedade. A transmissão de valores se dá pela convivência, pelo exemplo, pelo contágio emocional (PACHECO, 2012).

Trazendo as reflexões acima para o campo do ensino da música, mais especificamente a formação universitária do educador musical, alguns autores (PEREIRA, 2014; PENNA e SOBREIRA, 2020) apontam para um predomínio do modelo de ensino conservatorial, tradicional e não promotor da autonomia do aluno, uma vez que é o professor quem detém o conhecimento transmitido através de um programa fixo de estudos visando o desenvolvimento técnico virtuosístico e desconsiderando o educando em sua integralidade. Para Pereira (2014), a prática conservatorial apresenta inúmeras qualidades para a formação de artistas para o campo artístico musical, porém, ao pensar na formação de professores para a escola regular, cuja função primordial seria a de intermediar músicas e seres humanos de formas diversas, pois a maioria dos alunos não seguirá a profissão de músico, o modelo conservatorial de formação pode não fazer sentido. Nassif (2021b) discute a respeito da diversidade de trajetórias musicais vivenciadas pelos estudantes do curso de licenciatura antes de sua entrada na universidade e como, ao se depararem com um currículo pouco flexível e que não reconhece suas singularidades musicais, tendem a perder o interesse pelo curso ao longo dos anos de formação. A autora cita o atual debate a respeito da reforma curricular que tem como uma das propostas inverter a proporção entre disciplinas obrigatórias e eletivas, assunto que precisaria ser trabalhado com os alunos uma vez que alguns deles demonstraram desconforto em relação a essa alternativa. Em sua visão:

A discussão de fundo que parece estar na base desses incômodos diz respeito à dificuldade que os estudantes têm de lidar com a liberdade de escolha. Acostumados, durante toda a sua escolaridade, à segurança de simplesmente cumprir o que foi curricularmente ordenado, eles precisarão se adaptar à liberdade de poder escolher e arcar com as consequências dessas escolhas (NASSIF, 2021b, p.25).

Dessa forma, é importante pesquisar a maneira pela qual está acontecendo a formação dos professores de música em relação à própria autonomia, pois, a tendência é que, a depender de como têm vivenciado este processo, eles atuem como educadores que adotem práticas que promovam ou não a autonomia de seus alunos.

METODOLOGIA:

Com o objetivo de investigar as percepções de estudantes de um curso de licenciatura em música sobre autonomia em relação a si mesmos quando no papel de alunos; verificar o quanto se sentem sujeitos ativos na construção de seu aprendizado; e mapear a relação entre essa percepção e a forma como atuam quando estão no papel de professores (educadores musicais), foram realizadas entrevistas com 5 alunos baseadas em alguns tópicos norteadores.

As reflexões em torno de tais tópicos resultaram em um extenso e rico material escrito que está passando por análise à luz da bibliografia sobre o tema, especialmente os autores Paulo Freire (2017), Lev. S. Vigotski (2010) e José Pacheco (2012), dialogando também com trabalhos de outros pesquisadores sobre temas afins.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

A partir dos dados coletados, foi possível realizar uma organização inicial em quatro eixos principais:

- Falta de discernimento sobre o conceito “autonomia”
- Autopercepção da autonomia
- Percepção dos alunos sobre como é trabalhada, pelos professores, a questão da autonomia nas disciplinas que frequentam no curso
- Prática pedagógica adotada pelos alunos quando no papel de professores

Durante as entrevistas, foi possível notar que, de forma geral, os alunos demonstraram autonomia em seus processos de aprendizado. Quando questionados sobre a facilidade em acessar materiais de estudo, todos responderam positivamente; e diante de eventuais dificuldades em determinada disciplina, não apresentaram problemas para buscar ajuda (com colegas, com professores, e até vídeos disponíveis na internet) e concluir o semestre de forma exitosa.

Apesar disso, ao refletirem sobre sua postura enquanto educadores, relataram ter a impressão de que assumem um papel mais controlador do que promotor da autonomia de seus alunos, como pode ser visto no exemplo abaixo:

P: Você se identifica com uma maneira de ensinar? Se é mais promovendo a autonomia ou se é mais controlador?

Aluno B: Eu não sei. Eu acho que eu tenho essa preocupação sempre de estar pensando que o aluno precisa ter autonomia e que a autonomia dele seja praticada durante as aulas, durante o processo de aprendizagem, mas, talvez algumas coisas eu me vejo numa posição um pouco de controlador, sabe? Ainda mais quando a gente fala de aspectos técnicos do instrumento, né?

P: Por que você fala?

Aluno B: Por exemplo: a coluna de ar, coisa que você precisa estabelecer para conseguir tocar o instrumento. Isso eu acho que funciona, quer dizer, do jeito que eu me vejo passando para os alunos, funciona de uma maneira mais controladora talvez. Porque é uma coisa que se faz assim, e a gente pratica assim, para chegar em tal resultado. Agora, talvez quando a gente fala de repertório, de maneiras de organizar o estudo, por exemplo, aí a autonomia ganha mais espaço talvez.

P: Não sei se você, mas, às vezes as pessoas pensam que quando se fala em autonomia, está se querendo dizer que é para o aluno ser totalmente livre. Mas não acho que seja o caso.

Aluno B: Acho que é mais um diálogo.

P: Isso. Então, acho que faz parte você falar da coluna de ar, que é uma coisa importante e é um conhecimento que você tem de fato, e o aluno não tem.

Aluno B: É uma coisa que eu não refleti sobre isso... também nunca vi ninguém falando sobre autonomia no ensino de instrumento musical.

É importante dizer que um ambiente promotor de autonomia não significa um ambiente sem regras, sem estrutura, mas, um ambiente em que exista uma postura ativa de troca entre professor e aluno. O professor atua como orientador, facilitador do aprendizado.

No trecho da entrevista transcrito acima, parece haver a percepção de que, ao demonstrar e transmitir determinado conhecimento a um aluno, o professor estaria adotando uma postura controladora. Porém, para estimular a autonomia como forma de desenvolvimento pessoal do aluno, é necessária a presença de uma pessoa que o auxilie nesse processo. Nassif (2021a) utiliza a metáfora do andaime de Vigotski ao refletir sobre o assunto quando relata que, de acordo com esse autor:

...para que um indivíduo avance no seu desenvolvimento em qualquer campo, precisará de apoios rumo a níveis cada vez mais elevados. Esses apoios funcionam como andaimes e são dados pelas pessoas mais experientes no grupo cultural onde esse indivíduo se encontra, aí incluídos os professores. São esses últimos, no caso do ensino escolar, que, percebendo em que momento do processo de aprendizagem um aluno está (ou o que ele já tem construído e é capaz de realizar de modo autônomo) e, ao mesmo tempo, o que ele potencialmente está em vias de adquirir, poderão fornecer o apoio necessário para que esse aluno saia desse lugar já consolidado e adquira autonomia em um outro patamar do conhecimento em questão. Essa é a forma como se processa qualquer desenvolvimento, segundo a teoria histórico-cultural, e daí a importância do professor como mediador social. Não é possível, porém, exercer esse papel mediador sem um interesse profundo pelos estudantes, sem um olhar aguçado para seus processos de aprendizagem, sem uma postura efetiva de educador (NASSIF, 2021a, p. 18).

Ou seja, ao ensinar o aluno sobre a coluna de ar necessária para tocar determinado instrumento, o professor está desempenhando o papel esperado no processo de ensino e aprendizado que pressupõe a troca de saberes entre educador e educando.

No exemplo a seguir, pode-se notar que, ao fazer um planejamento de aula, o entrevistado interpreta que tem um estilo rígido consigo mesmo, ainda que não perceba isso em relação à aula que ministra aos alunos.

Eu estimulo autonomia sim, mas, como falei, às vezes eu não sei direito como fazer isso, sabe? Através de um método, eu deixo eles livres assim, então, tinha as atividades, as brincadeiras, mas eles tinham a liberdade de fazer da forma deles e de trazer sugestões. Eu tenho um método bem fixo comigo mesma, mas com os alunos não. Tipo, eu preciso preparar a aula, sabe? Eu preciso fazer um cronograma de aula, eu preciso levar escrito o que vou fazer na aula, eu tenho essa

necessidade, se não, não funciona, sabe? Se eu não fizer uma coisa visual eu me perco. É um método fixo para mim, não para as crianças. Eu não me dou autonomia (ALUNO A).

O fato de existir um processo de preparação da aula demonstra que o educador tem a preocupação em organizar o conhecimento a ser compartilhado com os alunos e que reflete sobre sua maneira de ensinar. Ninguém o obriga a agir dessa forma, trata-se de uma escolha consciente de adotar uma postura de parceria com os educandos, de levar até eles uma porção de seus saberes para que, juntos, desenvolvam o aprendizado. Ao escolher esta maneira de atuar, o educador está em pleno exercício de sua autonomia.

Faz parte das condições em que aprender criticamente é possível a pressuposição por parte dos educandos de que o educador já teve ou continua tendo experiência da produção de certos saberes e que estes não podem a eles, os educandos, ser simplesmente transferidos. Pelo contrário, nas condições de verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo (FREIRE, 2017, p. 28).

Em relação à percepção dos alunos sobre como é trabalhada, pelos professores, a questão da autonomia nas disciplinas que frequentam no curso, houve concordância entre os entrevistados de que as abordagens variam a depender dos professores. Foram citadas disciplinas em que foi possível estabelecer uma relação dialógica com os docentes e outras em que o estilo controlador não permitiu que isso acontecesse.

Aluno E: Mas eu acho que as vezes muitas vezes os professores fazem assim, “toma esse texto de quase 40 páginas e leia. Leu? Legal, aprendeu. Leu, aprendeu, pronto. Agora você vai fazer uma atividade sobre isso.” Mas quando tem essa dificuldade, eu sinto que tem pelo menos os professores da licenciatura e da Faculdade de Educação, eu sinto que tem uma abertura muito grande para a gente chegar e falar: “olha, não entendi ou eu não concordei ou porque que a gente não debate sobre isso?”.

Aluno C: E aí, na faculdade, eu acho que tem um pouco dos dois, os professores que dão as ferramentas para a gente pensar, como aquela aula de política lá, eu achei que apesar de ter uns trabalhos muito, sei lá, chatinhos, muito fechadinhos, ter que escrever sobre isso, ela conversa bastante, né? Aquela vez que a gente conversou sobre a política atual, eu achei muito legal.

É interessante observar que essas diferenças não passaram despercebidas pelos entrevistados. Ao serem interrogados, fizeram observações positivas ou negativas sobre as maneiras dos professores conduzirem as aulas transparecendo inclusive sentimentos. Nassif (2021a) discute que não há ato educativo neutro, destituído de afeto e que a qualidade das relações afetivas instituídas nos processos de ensino será responsável por possibilidades ou impossibilidades de aprendizagem. E as experiências como discente, segundo Paulo Freire, afetarão o modo de ser professor:

É interessante observar que a minha experiência discente é fundamental para a prática docente que terei amanhã ou que estou tendo agora simultaneamente com aquela. É vivendo criticamente a minha liberdade de aluno ou aluna que, em grande parte, me preparo para assumir ou refazer o exercício de minha autoridade de professor. Para isso, como aluno hoje que sonha com ensinar amanhã ou como aluno que já ensina hoje, devo ter como objeto de minha curiosidade as experiências que venho tendo com professores vários e as minhas próprias, se as tenho, com meus alunos. O que quero dizer é o seguinte: não devo pensar apenas sobre os conteúdos programáticos que vêm sendo expostos ou discutidos pelos professores das diferentes disciplinas, mas, ao mesmo tempo, a maneira mais aberta, dialógica, ou mais fechada, autoritária, com que este ou aquele professor ensina (FREIRE, 2017, p.87).

CONCLUSÕES:

A análise parcial das entrevistas evidenciou a relevância do tema. Nota-se, entre os entrevistados, um predomínio da vontade de adotar um estilo docente promotor de autonomia, por vezes, mas nem sempre, relacionado a experiências controladoras negativas vivenciadas anteriormente. Apesar disso, ainda há uma certa confusão entre o que é ser controlador ou estar desempenhando o que é esperado de um educador (ensinar metodicamente). Dessa forma, esta pesquisa parece responder aos questionamentos iniciais, além de suscitar novos questionamentos que eventualmente possam ser abordados em investigações futuras.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a prática educativa**. 55ª. Edição. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO: **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica/ Ministério da Educação. Secretária de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral**. – Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/julho-2013-pdf/13677-diretrizes-educacao-basica-2013-pdf/file> . Acesso em: 26 fev. 2023.

NASSIF, Sílvia Cordeiro. Afetividade e formação do educador musical. **Revista da Abem**, v. 29, p. 234-250, 2021a.

NASSIF, Sílvia Cordeiro. Quando o músico e o educador se encontram: um estudo sobre o perfil discente em um curso de Licenciatura em Música. **Revista Música Hodie**, [S. l.], v. 21, 2021b. DOI: 10.5216/mh.v21.67701. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/musica/article/view/67701>. Acesso em: 4 dez. 2021.

PACHECO, José. **Dicionário de Valores**. 1ª. Edição. São Paulo: Edições SM, 2012.

PENNA, Maura; SOBREIRA, Sílvia Garcia. A formação universitária do músico: a persistência do modelo de ensino conservatorial. **Opus**, v. 26 n. 3, p. 1-25, set/dez. 2020.

PEREIRA, Marcus. Licenciatura em música e habitus conservatorial: analisando o currículo. **Revista da ABEM**, Londrina, v. 22, N. 32, 90-103, jan.jun 2014.

REEVE, John Marshall. Why Teachers Adopt a Controlling Motivating Style Toward Students and How They Can Become More Autonomy Supportive. **Educational Psychologist** - 44:3, 159-175, 2009. DOI: 10.1080/00461520903028990. URL: <http://dx.doi.org/10.1080/00461520903028990>

VIGOTSKI, Levi Semionovitch. **Psicologia pedagógica**. Tradução do russo e introdução de Paulo Bezerra.3aed. - São Paulo: Editora WMFMartins Fontes, 2010.